

Da Beira Baixa, o retrato de uma aldeia também minada pela desertificação: Monsanto, há meio século designada «a aldeia mais portuguesa de Portugal»

reportagem

# Monsanto: sobreviver ao abandono

Nuno Ferreira

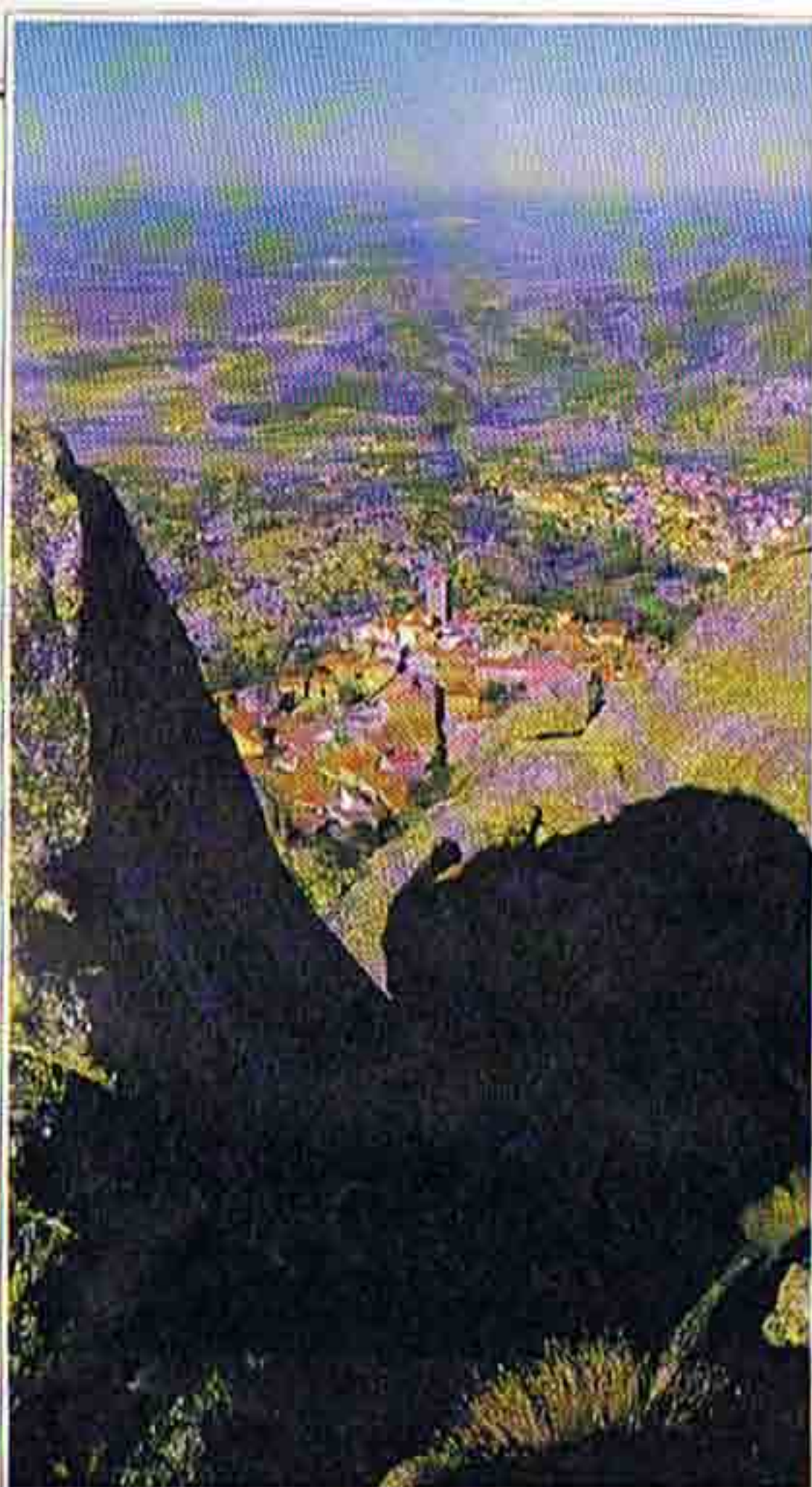


Foto: António Pedro Ferreira

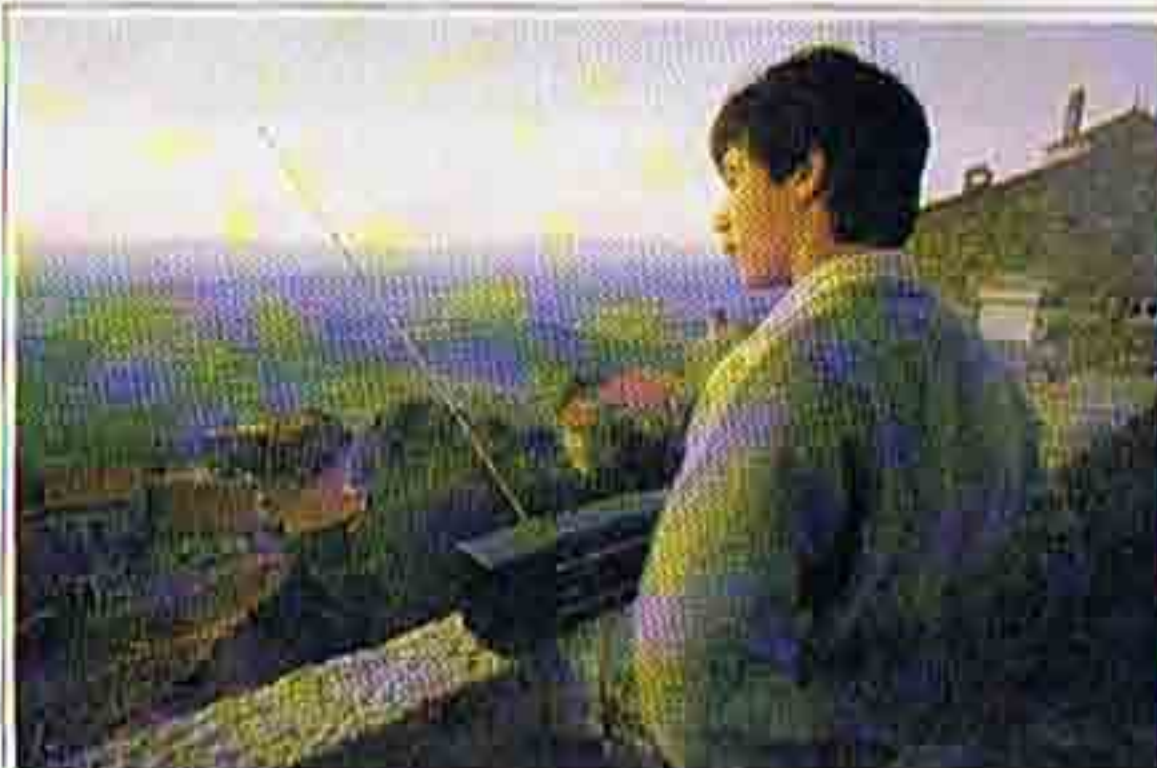
**A** VISTA é deslumbrante. De um lado ao outro do castelo vemos a vastíssima planície de Idanha-a-Nova. Ali, na campina, a vida continua ao ritmo lento das poucas tarefas agrícolas de hoje. Ouve-se um galo a cantar, há cães que ladram nas aldeias vizinhas e o som de um carro sobrepõe-se por vezes aos animais. Prescrutamos a linha acinzentada e tortuosa da estrada e, de repente, lá a vemos: uma pequena viatura solitária rompendo pela campina em direcção a Idanha.

Lá em baixo, no sopé do monte escarpado e abrupto onde nos encontramos, fica a Relva, com as casas já características, coloridas de verde ou amarelo. E mesmo por baixo de nós, as casas de pedra muito aconchegadas a meio da encosta, fica Monsanto. O casario forma um triângulo que se completa na torre de Luciano com o galo prateado reluzindo a luz da tarde. Sob a fumarada que se solta das chaminés de granito, os telhados das casas respiram sossego e entre eles, nas ruelas inclinadas que os habitantes semeiam de pequenos vasos, quase não se vê ninguém. Por vezes, de entre o casario, chega até nós uma risada de mulher mas, mal o som se esvai, regressam o silêncio, a paz e o sossego. A vida em Monsanto da Beira, completados cinquenta anos (1938-1988) sobre a conquista do título de «aldeia mais portuguesa de Portugal», não podia ser mais bucólica.

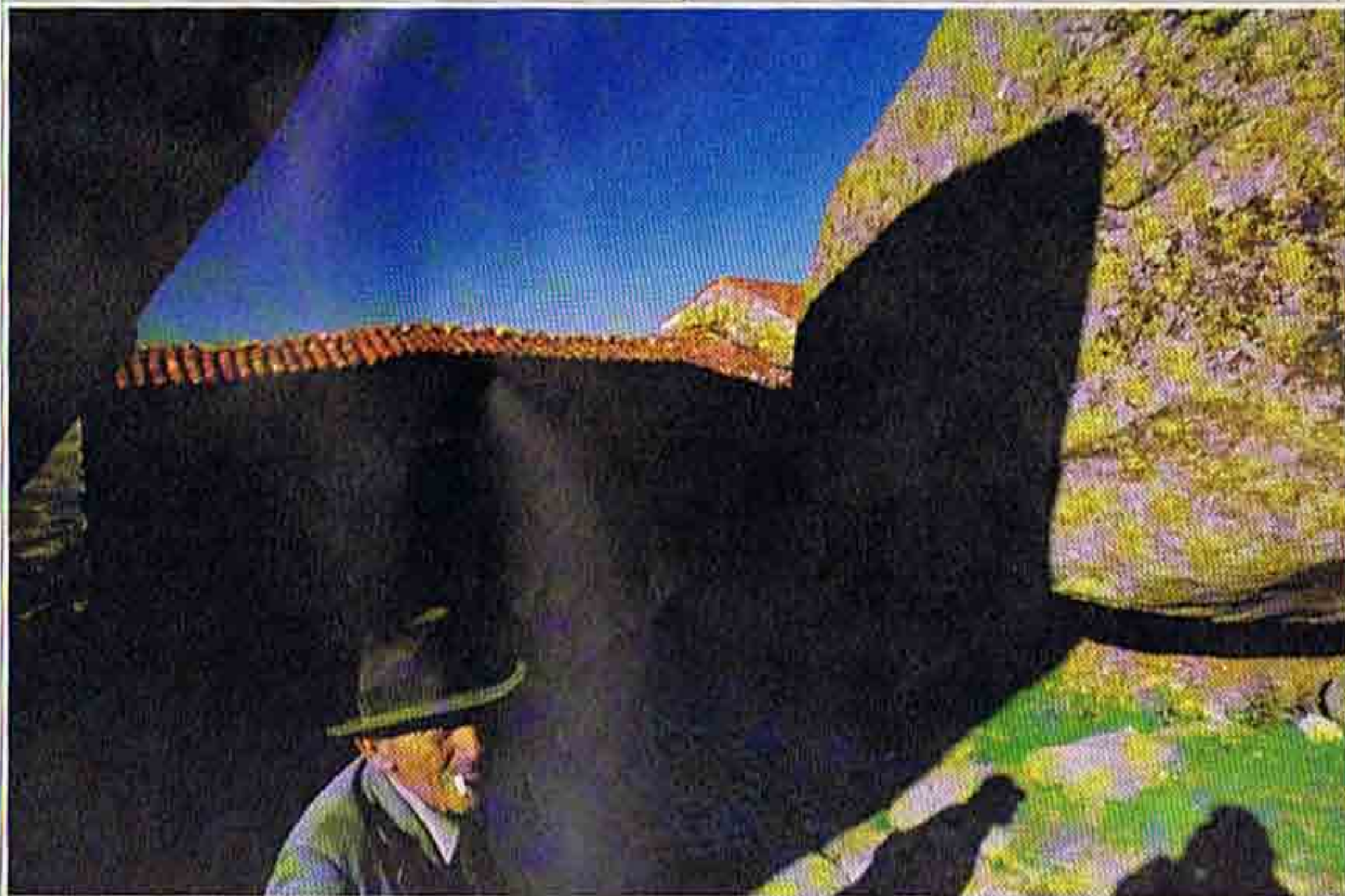
### Ausência dos filhos

As mulheres mais idosas de Monsanto com que falamos são quatro. Falam dos filhos mas nenhuma tem um filho ao pé de si. A primeira tem dois mas estão para fora. Os da segunda saíram da terra, foram para Lisboa. A terceira tem três e também lá estão. A quarta tem igualmente quatro filhos: «Aqui não tenho ne-

(Continua na página 16-R)



Hoje, Monsanto da Beira é terra de gente idosa. Os poucos jovens vão para Penamacor ou para Idanha-a-Nova e quando abandonam a terra é raro regressarem



## Monsanto

(Continuação da página 15-A)  
nhum, está tudo para Lisboa», explica. De vez em quando visitam-nos. Vão vê-los a Alverca, a Moscavide ou a Vale de Milhais mas não «se sentem lá bem». Aos filhos só os vêem ao fim do dia, cansados do trabalho e dos transportes.

Com os vizinhos mal contactam. E a comida «é má, não presta». Ao menos em Monsanto estão umas com as outras, conversam sentadas no banco de pedra ao sol de Inverno e fazem lembrar os velhos cursos de Astérix na Corega. Ali sentadas muito quietas mas observando vorazmente, registam quem de cima, de baixo, da direita ou da esquerda desemboca no largo. «Já cá esteve na sexta-feira não esteve?», perguntam-nos.

Apanhada a primeira informação, logo chega a segunda pergunta: «É de cá?». É com um sorriso amplo de satisfação que os principais dlados do forasteiro são finalmente recolhidos: «Ah! é jornalista...»

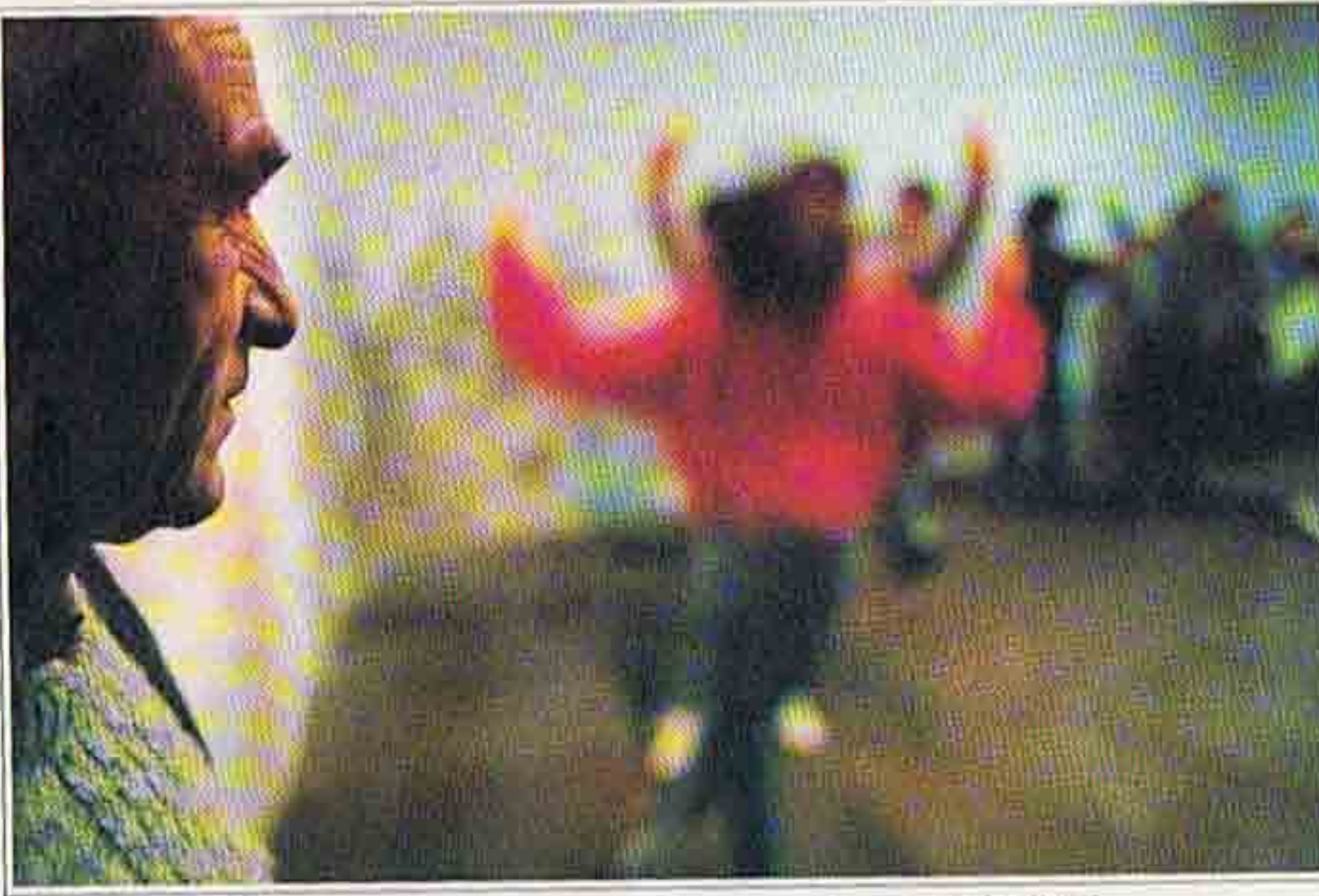
Pessoas idosas como as que acabamos de descrever compõem hoje maioritariamente a população da velha aldeia da Beira Baixa, que tem vindo progressivamente a envelhecer. Monsanto corre sérios riscos de desertificação. Se a totalidade da freguesia é composta por cerca de mil almas, na «vila», a aldeia encimada na vertente ocidental do monte, vivem hoje cerca de 300 pessoas cuja média de idades ronda os 70 anos.

No ano passado, António Henriques, presidente da Junta de Freguesia, fez um pequeno apanhado dos grupos etários de Monsanto. Havia 29 pessoas com mais de 90 anos, 205 com mais de 80 e 373 com mais de 70.

Todos os anos se registam cerca de 40 óbitos enquanto o presidente da Junta de Freguesia recebe apenas 15 a 20 novos eleitores, na maioria pessoas que estavam a viver em Lisboa ou em França.

Foi a exiguidade das terras arrendadas, a pobreza do solo e a falta de trabalho nas casas dos grandes proprietários que motivou a debandada. No princípio do século emigrava-se para o Brasil e depois para a Argentina. Mais tarde, os Monsanto passaram a emigrar para África, sobretudo Moçambique.

Só por fim passaram a escolher Lisboa como destino de emigração. Actualmente, a comunidade de Monsanto em Lisboa ascenderá a 1.500, 2 mil pessoas e dispõe de uma associação cultural e de um rancho folclórico. «A população de Monsanto está em



Rancho folclórico: uma forma de os mais jovens aprenderem as «canções antigas»

Lisboa», comenta Joaquim Fonseca, do Rádio Clube de Monsanto.

### Simbolo da portugalidade

Quando em 1938 Monsanto foi eleita «aldeia mais portuguesa de Portugal», vencendo Paul Covilhã e Bucos, Cabeceiras de Basto, a terra tinha tudo para representar o símbolo perfeito da portugalidade. Devido à falta de comunicações, manteve-se isolada e esse isolamento proporcionou a conservação de tradições culturais riquíssimas testemunhadas, quer na religiosidade, quer no cancioneto, quer na vivência popular ao longo do ano. O enquadramento natural aliado à beleza arquitectónica das casas deslumbrou o júri do concurso. Constituídas com blocos de granito aparelhados, encostados à rocha e aproveitando-a como parede interior, decoradas no exterior por inúmeros vasos de flores que sobressaíam do escuro das fachadas, as casas dos Monsanto representavam já nessa altura a resistência à adulteração.

Monsanto serviu ao Estado Novo como aldeia símbolo e a Imprensa de 1938 disso fez eco. «Monsanto canta, Monsanto trabalha, Monsanto resa, Monsanto baila», escreveu J. R. do «Jornal de Notícias», «Mas nem o canto nem o trabalho, nem as orações, nem os bailados dão íntegra a alma de Monsanto. Dão, quando muito, parcelas dessa alma, Monsanto é acima de tudo, um braseiro, uma sarça ardente. Um braseiro de rejuvenescer o patriotismo (...) Glória, mil vezes glória no Secretariado de propaganda nacional por

ter revelado Monsanto aos portugueses - um Português de lei, um Português patriota, um Português com grande e legítimo orgulho da sua nobre nacionalidade - deve tomar, apenas possa fazê-lo, o caminho de Monsanto».

Mas a aldeia, à parte o aproveitamento das suas qualidades feito pelo regime da época, era em todos os aspectos de uma grande riqueza; na produção cultural, beleza arquitectónica, enquadramento paisagístico e na sua própria história. «O nome de Monsanto (Monte Santo), julgo-o de época muito remota...», escreveu Leite de Vasconcelos em *De Terra em Terra*. «O local deve ter sido sagrado, e para a santidade contribui, sem dúvida, a própria forma do monte, que a grande distância (Alpedrinha, etc.) avulta solitário, e chama a atenção entre os que o circunvizinham».

Supõe-se que a primeira fortaleza de Monsanto tenha sido um castro familiar pré-romano. Mais tarde, pela sua posição estratégica na campina circundante, foi habitada pelos romanos. Mais tarde ainda, a fortaleza teria sido reconstruída pelos godos e conquistada pelos árabes que deixaram bem impressa a sua passagem. «Tão nítida é a recordação ancestral desses dominadores», escreveu Maria Leonor Buescu em *Monsanto etnografia e linguagem*, «que os aldeões a sentem ainda como acontecimento recente, de poucas gerações, e alguns populares confundem as invasões francesas com as lutas contra os mouros». As lendas de mouras encantadas, os adules e certas formas musicais evocam esse domínio.

Depois da fundação da nacionalidade, Monsanto passou a sentinela do território contra as invasões vindas de Espanha. D. Afonso Henriques mandou reedificar o castelo; o grão-mestre da Ordem dos Templários, D. Gualdim Pais, reconstruiu-o em 1239 e em 1510 D. Manuel elevou Monsanto a Vila. Por isso ainda hoje a sede da freguesia é chamada «vila». A história do castelo terminou com a sua transformação em fortaleza militar, em 1810. Depois de uma vez mais ter oferecido heroica resistência às invasões napoleónicas, explodiu o paiol da pólvora provavelmente devido à queda de um raio. Além da heroica participação do seu castelo na defesa do território, Monsanto tinha para oferecer ao júri do concurso das «aldeias», a sua rica vivência cultural. Embora entregues à vida dura dos campos, os Monsanto aliavam à labuta diária um carácter festivo,

cantando canções, usando profusamente os ditados, as orações populares e contando lendas e narrativas ancestrais. Durante os trabalhos colectivos, a sacha, a monda, o quinto (ceifa), a malha, a apanha da azeitona, os romances velhos e as modas antigas perpetuavam-se e passavam às novas gerações. «O trabalho do campo», escreveu Maria Leonor Buescu em 1958, constitui o último reduto da tradição».

### Rituais antigos

A vida durante o quinto ou ceifa tinha, apesar da violência do trabalho, um aspecto festivo. «Durante semanas vivem ao ar livre, suportando por vezes aguaceiros e trovoadas de Junho», escreveu Maria Leonor Buescu, «não importa o calor e o esforço que o trabalho exige; a vida de relação que se estabelece entre esta gente, habi-

tualmente reservada, proporciona um ambiente de alegria e boa disposição. Tornam-se comunicativos e joviais. No serão em comum, depois da ceia, contam-se baladas, trocam-se ditos e perpetuam-se os romances esquecidos durante o ano. Enquanto o rancho da azeitona é constituído exclusivamente por gente moça, no quinto, o convívio da última geração com os mais antigos proporciona, durante a ceifa, a revitalização das coisas velhas. Os quinteiros formam, durante o quinto, uma grande família».

A malha, com dois grupos de malhadores dialogando em disputa e a apanha da azeitona, eram outros grandes momentos de convívio. Os componentes do rancho da apanha da azeitona viviam, durante as semanas em que durava o trabalho, num ambiente de comunidade, cantando ao desafio e contando histórias. Outras tarefas, como a tradicional manutenção do porco, eram sempre pretexto para a azeitona alegre e a união entre todos.

O ano era marcado ao longo dos 12 meses por rituais religiosos e profanos que o enriqueciam e lhe transmitiam outra alegria. Eram os jantares de Espírito Santo, por alturas da Páscoa, era a encomendação das almas na Semana Santa, eram as lafaíngas de Maio pela Ascensão. No Natal, os rapazes iam pedir o madeiro; uma das casas ricas da aldeia as outras davam o vinho emprestavam o carro e as juntas de bois para transportar o madeiro e na noite de Natal ateavam-lhe o fogo. No Carnaval, rapazes e raparigas faziam de compadres ou, tapando cara com um pano de renda, jogavam ao entrudo. No dia de S. Martinho preparava-se o sermão de S. Martinho e havia r

Monsanto em estado de quase abandono: «A população está em Lisboa»



aldeia pregadores tradicionais. Nesse sermão falava-se da irmandade de S. Martinho apontando-se como mordomos ou mordomas aqueles que frequentemente se embriagavam.

Hoje, Monsanto é terra de gente idosa. Quem a percorra aos dias de semana dificilmente avista caras novas porque os poucos jovens vão para Penamacor ou Idanha-a-Nova. Pelas ruas empedradas, quando se vê alguém, é quase sempre um velho que descendo a rua se dirige de cado e boné na cabeça até ao largo do Pelourinho ou até à barreira do relógio. Ou então, passam acompanhando mulas que carregam molhos de lenha, na cadência lenta de quem já não tem idade para correrias.

«A gente nova não arranja emprego aqui, tem de ir embora. Os rapazes vão cumprir o serviço militar e normalmente já não regressam, acabam por ficar por lá», explica António Henriques, presidente da Junta de Freguesia. Empregam-se na Guarda Fiscal, na GNR, na PSP ou nos bombeiros. Os velhos vivem dos 9.600 escudos da reforma, criam uma cabrita ou um porco, colhem a azeitona e põem o mais possível. Por vezes pegam num cabaz com queijo, azeitonas e enchidos de Monsanto e vão até Lisboa a casa dos filhos. Mas, regra geral, não se sentem bem nos subúrbios lisboetas e regressam.

Longe da animação de há cinquenta anos, a vida de Monsanto é feita dos pequenos nada dos idosos, do seu quotidiano lento e expectante. José Oliveira, 70 anos, encosta-se a um enorme penedo de granito apanhando o Sol do fim da tarde que teima em querer desaparecer sobre a barragem de Idanha-a-Nova.



Joaquim Fonseca, o grande dinamizador da rádio local: sobreviver como aldeia-museu?

Pergunta-nos se vimos o burro. Fugiu-lhe lá para cima, para o castelo. «Agora só vem ao fim do dia», explica, está lá **quentinho**. José Oliveira, que em novissia a pé até Castelo de Vide para ganhar uns sete escudos por dia a abrir estradas, encosta-se à rocha, de mãos nos bolsos, face curtida e enrugada e parece esperar. Outros são surpreendidos por nós a carregar baldes de comida para os porcos ou a apanhar erva para os animais.

### Histórias de contrabando

José Dionísio Lopes, 78 anos, ainda alimenta uns tantos cabritos que mata de vez em quando. No tóco de madeira, na loja, onde costuma matá-los, ainda se nota algum sangue. Penduradas no tecto, vemos peles de animais. Danfes vendia-os para fora e teve um talho pelo qual recebe agora 14.540 escudos de refor-

ma do Comércio. Mas a memória de José Dionísio prefere recuar aos anos 30, quando se dedicava ao contrabando.

Os olhos por detrás das lentes baças observam os montes em frente. Se a nós não nos dizem nada, a José Dionísio são muito familiares. Levanta a bengala e aponta o «Ramiro». O Ramiro é o monte de uns 700 a 800 metros que separa a aldeia de Salvador da de Penha Garcia. Por ali seguia quando se dedicava ao contrabando. Atravessava o monte, calcorreava a rua até ao Erges e do lado espanhol, depois de grande caminhada, esperava-o a aldeia de Cilleros. Enquanto na agricultura talvez ganhasse 20 ou no máximo 30 escudos por semana, «no contrabando entravam 100, 150 ou 200 escudos».

Uma vez, foi preso. No tempo da Guerra Civil de Espanha. Sabia ler mas disse que não sabia para que os espanhóis pensassem que não era

capaz de decifrar os editais. Esteve até de madrugada no posto da Guardia Civil.

«O sargento virou-se para mim e disse: 'Ou ides para a frente ou ides passar pelo fusil'. Eu estava lá com um amigo. Estávamos os dois assustados mas preferíamos ir para a guerra. As 11h o sargento foi revezado por outro. Esse era português, de uma aldeia aqui perto e primo da minha mulher. Eu perguntei-lhe a medo: 'Ouve lá, nós não podemos fugir?' E ele, com a maior calma do mundo: 'Claro que podem mas só lá para as duas horas. Têm mais que tempo'. As duas mandou um guarda acompanhar-nos até 200 metros da fronteira e disse: 'Não volteis cá mais'. Mas oito dias depois eu já lá estava outra vez».

A medida que a população de Monsanto vai envelhecendo e a aldeia se desertifica chegam pessoas de fora que compram casas abandonadas para passar ali fins de semana ou as férias. É o caso, por exemplo do actor Curado Ribeiro ou de Ferraz de Oliveira, director geral dos hospitais. José Afonso também teve uma casa comprada em Monsanto, para não falar no inesquecível Fernando Namora. Mas há quem compre as casas devolutas para fazer negócio com os forasteiros. Na loja de artesanato, onde vemos adufes a 2.400 escudos e uma velha telefonia a 15 mil oferecem-nos diversas casas: «Quando quiser ir a Espanha diga, eu levo-o lá. Quer trocar escudos por pesetas? Se precisar diga que eu troco. E casas, quer uma casa? Tenho 15 para todos os gostos, a vários preços. Ali para os lados do castelo são mais baratinhas.

Vendo-lhe uma em ruínas por 300 contos. Mas há de 500, de mil, até tenho uma ali no largo por 3 mil contos». A desertificação de Monsanto já proporciona bom negócio.

«Onde é que fica o Rádio Clube de Monsanto?» Quem pergunta são dois aldeões joviais que sobem uma ladeira, sábado de manhã.

O homem vem à frente, a mulher atrás, muito cansada. Vêm a pé desde a Aldeia de João Pires. Foram lá abaixo à feira mensal da Relva e resolveram vir deixar um donativo ao professor Joaquim Fonseca, do Rádio Clube de Monsanto. Desde que se soube que, a 24 de Dezembro, a rádio teria de fechar para atribuição de frequências, muitas mensagens de apoio e donativos chegaram ao anexo da casa do professor Fonseca.

### Uma rádio nacional

O aldeão chama-se António Geraldes e há 30 anos que não subia à «vila». Quando entramos com ele e a mulher no pequeno estúdio envidraçado, os dois não escondem a satisfação. «Deus queira que o posto não encerre, senhor professor, é uma grande companhia todos os dias», diz a mulher. No dia anterior tinham ficado até às 22 horas em frente ao televisor para verem o professor Fonseca ser entrevistado no programa «As dez» da RTP. Ouviram dizer que era às 10 horas, pensaram que fosse à noite. «Ficámos até tarde à espera de ver o professor e nada», lamenta António Geraldes. Para ele e para a mulher, o Rádio Clube de Monsanto é uma companhia insubstituível, que não querem perder. É que ao contrário de outras rádios locais, o

Rádio Clube de Monsanto transmite quase só música portuguesa. «Os outros, é tudo francês e inglês, a gente não percebe nada», lamentam.

Na secretária de Joaquim Fonseca, o grande dinamizador da Rádio Clube de Monsanto, os maços de cartas recebidas avolumam-se. Chegam da região da Covilhã, de Marvão, de Castelo Branco. Alguns enviam cheques. Um casal invisível, de Casal da Serra, enviou uma carta em braille com 2 mil escudos onde escreveu: «Que fechem as outras rádios, que só passam música estrangeira». Um ouvinte da aldeia de Lousã escreve: «Fostes vós que muitas vezes consolastes o meu velhinho pai e que me consolais a mim na solidão do meu quarto. Tenho fé que ireis continuar». No dia seguinte, um grupo de Santo António das Areias, uma aldeia de Marvão a cerca de 14 quilómetros de Monsanto, virá entregar em mãos um donativo de 9 mil escudos. Ninguém quer que a rádio feche.

O sucesso do Rádio Clube de Monsanto é fácil de explicar. Em primeiro lugar, dada a excelente localização da antena, a 800 metros de altitude, a rádio chega a Oleiros, Marvão, Gavião, Mação, e até a Portalegre. Em segundo lugar, como explica Joaquim Fonseca, «é uma rádio popular que passa 99,9 por cento de música portuguesa». O programa mais popular da estação chamava-se «Música a seu gosto». Cada ouvinte enviava 20 escudos por carta e pedia as músicas que entendesse. A duração do programa era de hora e meia mas os pedidos eram tantos que o programa estendia-se, por vezes, até à meia-noite. «Passava a pedir cinquenta escudos para ver se diminuíam. Agora já vou em 100 escudos mas continuam na mesma a chover cartas pedindo as mais variadas músicas».

Quando Joaquim Fonseca começou a emitir, em Agosto de 1985, o emissor era quase artesanal. «Nas emissões experimentais transmitia só música folclórica. As pessoas ouviam e entraram em delírio», explica.

A primeira emissão foi a 14 de Agosto. Às 22 horas desse dia, Monsanto despovoou-se e o largo em frente à casa de Fonseca encheu-se de gente com ovos, flores e vinho do Porto. «Era uma autêntica manifestação popular», conta.

Desde então, o professor Fonseca mantém com os ou-

(Continua na página 18 ff)

### A média de idades dos 300 habitantes da «vila» ronda os 70 anos



# Fim de festa

**DIROU** pouco a ilusão de que tínhamos o pai em São Bento, a mãe em Belém e os irmãos a subir na vida. Por mais inspirado que fosse este cartão de boas-festas, no seu estilo cruzado entre Freud e Machado de Castro, a verdade havia de o desmentir prosaicamente e mostrar que por detrás do retrato de família havia um rol de contas antigas e partilhas adiantadas. Foi só uma questão de meses.

A ilusão, verdade se diga, era aliciante e há até quem persista nela, mesmo depois do discurso que Soares pronunciou no fim de ano. Os mais optimistas alegavam que não seria a primeira vez que adversários jurados de véspera se viam obrigados pelo destino a juntar os trapos e a viverem felizes. Soares viera da esquerda, Cavaco da direita, mas quem é que liga a essas coisas em tempos de obstinado pragmatismo? Pelo contrário — dizia, até, um observador — a complementaridade entre um e outro era tão evidente que, no momento em que Soares parecia inclinar-se mais para a direita, como seria o caso da política relacionada com Angola, imediatamente Cavaco, num reflexo ditado pela harmonia universal, se inclinava mais para a esquerda. Pangloss talvez não exigisse tanto...

Mas fosse porque a representação ia sendo perfeita de ambas as partes, fosse porque havia conveniências as mais variadas a estimulá-la, o certo é que esse clima de generalizado consenso alastrou nas almas e inflacionou o país de causas suprapartidárias.

Um pouco menos de guerrilha na Assembleia e Portugal ver-se-ia transformado em acampamento de escuteiros a comemorar o Gama e a recitar Pessoa. As ideologias, essas foram declaradas em coma e reduzidas a obsoleta reminiscência de um passado em que andávamos todos à hulha mas não havia que comer. Restam, é claro, uma ou duas questões aceras da inflação e coisas parecidas, mas já estão entregues à profícua ciência do dr. Cadilhe. Para nossa tranquilidade e seu castigo, sempre que a oposição o priva do académico gozo de se ver contrariado.

Num ambiente assim, as palavras de Soares, ao insurgir-se contra uma versão da estabilidade que reserva aos partidos o papel de simples revisores de contas e toma a política por qualquer coisa que é, no mínimo, suspeita de ociosidade, devem ter soado a flores de retórica ultrapassada e de gosto duvidoso. Tanto mais que a própria oposição, aparentemente, tende a fazer sua essa interpretação da política, gastando-se em arremetidas contra o Ministério das Finanças e deixando o resto passar, a maioria das vezes, sem um protesto ou, pelo menos, sem lhe emprestar uma visão contrastada.

Pode mesmo acontecer — e há já sintomas disso — que a mensagem de fim de ano venha a esfumar-se no nevoeiro sebastianista e que dele se tentem unicamente reter as alusões aos grandes temas que fazem as delícias da

unanimidade nacional. Se assim for, porém, ter-se-á esquecido, porventura deliberadamente, o mais interessante e o mais inovador de tudo quanto foi dito. Pior ainda, estar-se-á a prolongar uma ilusão que a breve tecocho vai conhecer, de certeza, novos e mais flagrantes desmentidos.

Porque foi, efectivamente, um discurso de Estado, como já se lhe chamou, mas não no sentido em que tantos discursos, de há tempos a esta parte, acobertam sob tal designação o vazio que lhes vai por dentro. Foi-o, antes de mais, pela inventariação exaustiva dos pontos sobre os quais terá de incidir a decisão do Governo e o empenho da sociedade. Mas foi-o também, e sobretudo, porque assumiu uma noção de Estado que vai ao arripio da velha e sempre renovada tendência para o confundir com a nação ou com qualquer desses plasmados duvidosos em que, regra geral, se tentam en-



**«Diga-se o que se disser, Soares distanciou-se do Governo e fez suas as preocupações de muitos perante o crescimento tentacular dos braços do PSD pelos pilares do Estado. Não se estranhará, por isso, a referência feita pelo Presidente à Comunicação Social, no início de um ano em que vai haver duas eleições.»**

cobrir interesses privados. É evidente que a oposição não poderia chamar a si em exclusivo este discurso, porquanto isso equivaleria a ignorar as próprias responsabilidades na situação presente e a credar a Presidência da República no emaranhado dos seus próprios problemas. Mas não é menos evidente que o partido do poder já não estará, a partir de agora, em condições de insinuar a habitual complacência com o palácio de Belém e dela extrair proveito.

Diga-se o que se disser, Soares distanciou-se do Governo e fez suas as preocupações de muitos perante o crescimento tentacular dos braços do PSD pelos pilares do Estado. O primeiro efeito desse distanciamento é quebrar o unanimismo que a sua actuação até aqui, mais virada para questões que, à primeira vista, seriam consensuais e com raras incursões polémicas, de alguma forma havia reforçado. O segundo, mais incisivo ainda, é por em causa determinados aspectos da gestão social-democrata, em particular aqueles em que a defesa dos interesses do Estado é susceptível de ser preterida pela defesa dos interesses partidários.

Não se estranhará, por isso, a referência feita pelo Presidente à Comunicação Social. No início de um ano em que vai haver duas eleições, mal ficaria se o não fizesse. Enquanto o Estado for dono do que de mais cobiçado há no sector, convirá que o apelo, pelo menos, se vá ouvindo. Ainda que os resultados continuem a ser os que estão à vista. Basta olhar para a forma, pretensamente subtil, como o Governo excede quantos o precederam a reivindicar inocência: tudo o que por aí se tem passado lhe é estranho, tudo se ficou a dever apenas ao excesso de zelo ou ao excesso de iniciativa de gestores inábeis.

Do alto dos interesses nacionais, ele contempla e castiga, se for caso disso, os que actuam sem a devida autorização. Um dia destes, ainda há-de autorizar que se façam os tais debates que Soares sugeriu na noite de Ano Novo.

## Monsanto

(Continuação da página 17-H)  
vintes — uma relação afectiva só possível numa região onde existem poucas distrações. Umas pessoas de Vila Velha do Ródão pediram-lhe que passasse no Rádio Clube uma série de músicas para depois gravarem e enviarem para S. Paulo, Brasil. «Mande-lhes uma 'cassete' com as músicas. São coisas que uma estação nacional não pode fazer. Um rádio clube e um clube de amigos», explica. Ainda no dia anterior, quando regressava de táxi desde Castelo Branco, o taxista lhe disse que gostava muito de ouvir o Rádio Clube de Monsanto. O serviço era de 3 mil escudos mas o taxista levou apenas 2 mil e deu-lhe mil para o Rádio Clube.

### Um presidente realista

Joaquim Fonseca, que é também presidente da Casa do Povo, é juntamente com a esposa, Amélia Fonseca, o maior impulsionador e defensor da identidade cultural de Monsanto.

Ele sabe que a vivência espontânea de outrora, quando os trabalhos do campo perpetuavam as tradições culturais, já não existe. «Agora, a vida de Monsanto, se a quisermos reanimar terá de ser rapidamente estimulada de fora através de medidas concretas, da criação de empregos numa área nova como o turismo». Joaquim Fonseca é realista e defende que Monsanto só poderá sobreviver como aldeia-museu que recrie artificialmente as tradições culturais de antigamente.

O primeiro passo seria a construção da pousada que está prometida à Monsanto há 50 anos e cujo primeiro projecto foi recusado pelo Instituto Português do Património Cultural.

Em vez dos nove quartos projectados terá treze. Numa segunda fase, destinando-se a excursões, está previsto o aproveitamento da antiga casa do Marquês da Graciosa. «Se abrirem a fronteira de Monfortinho, como está projectado, vai ser uma avalanche», explica Fonseca, eu próprio se tivesse dinheiro investia num restaurante».

Neste momento, o único estabelecimento onde se pode comer e dormir em Monsanto é o café da D. Noémia, uma ex-emigrante na Alemanha que abriu o estabelecimento em Junho. No Verão, no largo em frente ao café, conta por vezes seis ou sete camionetas de excursão.

Quando foi da festa do cinquentenário do concurso das



**«A vida de Monsanto terá de ser estimulada de fora, com medidas concretas»**

aldeias, em Setembro, vendeu 12 ou 13 barris de cerveja. «Parecia a Portugalão», lembra o marido. A GNR já não deixava que subissem mais carros até à «vila». Quem quisesse ir lá acima tinha de calçar a pé a ladeira, desde a Relva.

O professor Fonseca chegou mesmo a propor que a aldeia fosse classificada de Património Mundial. «Tiravam-se as antenas de televisão, usava-se a iluminação subterrânea, tirava-se o alumínio e o mármore», propõe. «Felizmente que o prémio não foi de dois em dois anos, como estava previsto, porque houve muitas adulterações e Monsanto não o voltava a receber».

Sábado à noite é o ensaio semanal do rancho. Num salão de uma casa brasonada, velhos e novos divertem-se a treinar velhas canções e danças que há 50 anos foram apresentadas em Lisboa. A 4 de Fevereiro de 89 apresentar-se-ão na Aula Magna, na capital, para comemorar o espectáculo de 1939. Quem dinamiza as sessões e orienta o rancho é a esposa do professor Fonseca.

No grupo, há um nítido fosso geracional entre os que tocam adufe e cantam e aqueles que dançam. Quem toca adufe e cantam são mulheres, a maioria idosas, que se vestem com roupas simples, batas de tra-

balho, lenços na cabeça. Quem dança são rapazes e raparigas que durante a semana estudam em Idanha-a-Nova ou Penamacor.

Ninguém, no grupo dos cantadores, terá menos de 40 anos e quase todos terão mais de 50. No grupo dos dançarinos talvez não haja ninguém com mais de dezolito. No rancho estão os dois filhos da D. Noémia. A filha confessa à mãe que ela e as amigas «não conheciam as canções antigas». Estão agora a aprendê-las. Essa rapariga tomou contacto com o cancionero de Monsanto na escola, quando a mandaram fazer um trabalho e teve de ir à biblioteca requisitar o livro de Maria Leonor Buescu.

Domingo, na missa das 13h, são poucos os jovens no meio dos fiéis. Dentro da Igreja predominam os cabelos brancos dos velhos e os lenços negros das velhas. E às 17h e 15min, o «autopullman» que partiu de Monfortinho encher-se-á, no percurso até Idanha-a-Nova, de gente nova que regressa à grande cidade depois de um fim de semana no campo.

Em Monsanto, ficam o muito velhos e os muito novos. Com honrosas excepções claro. «Aqui casei, gostei disso, é como se fosse a minha terra», explica Joaquim Fonseca.